

# A alimentação das populações urbanas de países subdesenvolvidos<sup>1</sup>

DOI: 10.54446/bcg.v11i2.545

Milton Santos

## I – População urbana e problemas alimentares

A população urbana apresenta um tipo de comportamento autônomo em relação à produção de alimentos. Na realidade, essa força motriz se estende a toda a população não agrícola ou, mais precisamente, não ocupada numa atividade de subsistência - cidades, atividade de mineração, culturas industriais. Esses três tipos de população não são apenas grandes consumidores de produtos alimentares dos quais pouco ou nada produzem. Eles desempenham um papel determinante na expansão das culturas alimentares. No entanto, é a cidade que desempenha o papel mais importante.

I - Seu espaço econômico não é limitado à área de implantação e a organização desse espaço não depende exclusivamente do escoamento de sua produção. Frequentemente, até que a cidade se torne ela própria industrial, ela reparte em sua zona de influência uma produção que é, em grande parte, estrangeira e que ela importa, ou, como é mais frequente, ela repassa uma grande parte da produção de sua região e, nesses dois casos, vias férreas, estradas e caminhos não são projetados para esse propósito exclusivo.

II - A cidade é, por definição, multiplicadora. Comparada a ela e, não obstante a relação o emprego/massa salarial mais elevada, as zonas mineiras são responsáveis por uma certa economia malthusiana no nível regional e nacional. A atividade específica da cidade leva a uma série de ações reciprocamente positivas que desencadeiam mudanças na estrutura demográfica e econômica. É certo que quanto maior for a população de uma cidade em um país subdesenvolvido, e quanto mais agudos forem os problemas de organização e gestão, mais rápidas são as transformações econômicas.

Quanto mais numerosa for a população urbana - o mesmo para uma população interessada por uma atividade mineira ou por culturas de exportação - mais as culturas alimentares terão a tendência de se curvar às novas exigências da demanda e do mercado, sobretudo se o consumo aumentar mais rápido que a população.

---

1 Tradução do texto "L'alimentation des populations urbaines des pays sous-développés", publicado no periódico *Revue Tiers Monde*, no seu número 31, de 1961.

Tradução realizada por Camilla Ribeiro Leal, Gabriel Castanheira e Luciano Duarte. Revisão de Wagner Nabarro.

### A) Volume da população urbana e esquemas teóricos

Os esquemas foram estabelecidos para relacionar esses dados. Sakar (1965)<sup>2</sup>, por exemplo, calculou a taxa de expansão da demanda urbana e rural. A tabela está reproduzida abaixo:

País	Taxa de aumento da demanda por ano		Taxa de aumento de aumento da população por ano	
	Rural	Urbano	Rural	Urbano
Venezuela	9,9	11,2	1,1	3,8
Brasil	6,7	13,8	1	7,7
Índia	7,6	7,9	2,3	2,6
Egito	7,7	5,7	2,2	2,3
Gana	7	8,5	0,9	3,8
Síria	3,7	5,2	1,8	3,1
Ceilão <sup>3</sup>	3	5,9	1,8	7,2
Taiuan	2,7	7,8	1,2	5,3
Coreia do Sul	2,5	10,2	1,2	8,6
Bolívia	2,7	5,8	1,1	7,7
Irã	2,1	5,7	1,7	7
Colômbia	2,1	7,9	1,7	7,1
Paquistão	1,7	7,1	1,7	7
Marrocos	1,5	1,5	1,1	7
Filipinas	1,2	9,5	0,1	6,7

É possível verificar que as exigências urbanas estão aumentando muito mais rápido do que as exigências rurais. Embora o autor não tenha levado ou não pudesse levar em consideração a possível melhora qualitativa no nível alimentar, ou que as taxas de aumento populacional pudessem ser consideradas exageradas, esse estudo não perde seu valor. Enquanto nas cidades a porcentagem do orçamento destinada ao gasto com alimentação é menor do que no campo, a elasticidade do gasto com alimentação é maior entre as populações urbanas do que entre as rurais. Isso foi demonstrado em pesquisas realizadas em Madras e Faridabad, na Índia; em Abidjan, Nairóbi, Salisbúria, Ubale, Lusaca e outras cidades. Colin Clark e Margaret Hashwell<sup>4</sup>, nos mostram as desigualdades de demanda, nas Filipinas, para vários produtos, em Manila e seus arredores. Aqui estão alguns exemplos:

2 SARKAR, N. Kabita. Sarkar. The influence of Population Trend in the Plans of developing countries. *Congrès Mondial de la Population*. Belgrade, 1965.

3 Nota dos Tradutores: Antigo Ceilão, atual Sri-Lanka.

4 CLARK, Colin Clark; HASWELL, Margaret. *The economics of subsistence agriculture*. London: Mac Millan, 1964.

## Elasticidade da procura

<b>Arroz</b>	120	149	<b>Milho</b>	103	13
<b>Porco</b>	413	212	<b>Carne Vermelha</b>	388	124
<b>Neutro</b>	393	258	<b>Leite e derivados</b>	899	22

Novamente Sarkar é quem nos mostra, em uma série de países subdesenvolvidos, as diferenças na demanda de alimentos (medida em cereais) nas cidades e no campo:

País	Procura alimentar medida em cereais	
	Rural	Urbano
Venezuela	9,9	11,2
Índia	4,6	4,9
Gana	4,0	8,2
Ceilão	3,0	5,9
Coreia do Sul	2,5	10,2
Irã	2,1	5,7
Paquistão	1,7	4,1
Filipinas	1,2	9,5
Brasil	6,7	13,8
Egito	4,4	5,7
Síria	3,4	5,2
Taiwan	2,7	7,8
Bolívia	2,4	5,8

A presença de classes médias mais numerosas na cidade é preponderante. Para alguns países da América Latina, Horacio Giberti<sup>5</sup>, sem especificar seus métodos de cálculo, apresenta alguns números:

País	Cidades acima de 20.000 habitantes	Campo
Argentina	38	30
Chile	30	3
Venezuela	27	5
Brasil	35	3
Guatemala	16	3
Cuba	36	2
Colômbia	28	18
México	37	6
Bolívia	26	16

5 GILBERTI, Horacio. *Uso racional de los factores directos de la production agraria*. Communication au Colloque sur les problèmes agraires de l'Amérique Latine, C.N.R.S., octobre 1965 (inédito).

Um outro estudo mostra as repercussões desse fenômeno no mundo rural. De Vries e Zaglitz (1954) elaboraram uma tabela onde eles mostraram que cada redução da população agrícola corresponde, esquematicamente, a uma redução da quantidade de alimentos que ela produz em função de suas próprias necessidades. Essa tabela tem a vantagem de mostrar que o aumento da produção comercial acompanha proporcionalmente a redução da produção agrícola. Porém, constatamos que o ritmo de crescimento da produção alimentar disponível para a comercialização é, por fim, menos veloz que o da queda da população agrícola. Assim, vemos o crescimento da complexidade das relações que regulam a evolução correlata da urbanização e do abastecimento alimentar de um país<sup>6</sup>.

<b>Porcentagem da população ativa agrícola</b> <b>A</b>	<b>Alimentos consumidos pela população rural</b> <b>B</b>	<b>Alimentos à disposição de outros grupos</b> <b>C</b>	<b>Total B + C</b> <b>D</b>	<b>Quantidade de alimentos produzidos por um agricultor em porcentagem de suas necessidades</b> <b>E</b>
70	56,5	43,5	100	177
60	49	51	100	204
50	42,5	57,5	100	235
40	35	65	100	286
30	28	72	100	357
20	19	81	100	527
15	15	85	100	667

Um outro ensaio para estabelecer esta evolução nos é fornecida por Louis Malassis<sup>7</sup>. Esse autor sugere a existência de etapas do crescimento econômico em relação à questão que discutimos aqui. Seu modelo é o seguinte:

<b>Etapas</b>	<b>Distribuição da população em %</b>		<b>Número de pessoas alimentadas por 1 agricultor</b>	
	<b>Agrícola</b>	<b>Não agrícola</b>	<b>Total</b>	<b>Não Agrícola</b>
I	80	20	1,25	0,25
II	40	60	2,50	1,50
III	10	90	10	9

Para ele, o primeiro período é o da economia agrícola de subsistência, o segundo o da agricultura comercial artesanal e o terceiro o da agricultura industrial. O que lhe parece importante - e ele nos chama a atenção para este fato - é que "a passagem do período I para o período III é acompanhada por uma multiplicação de 36 vezes do volume do mercado alimentar por agricultor. Esse raciocínio poderia

6 VRIES, Egbert de; ZAGLITZ, Oscar. Capital investment and its effect on agricultural production and demand for agricultural products, *c. r. do Congrès mondial de la Population*, vol. V, 1954.

7 MALASSIS, Louis. Croissance économique, développement rural, sciences et techniques agricoles, *Tiers Monde*, nº 20, p. 735-762, oct.-déc. 1964.

igualmente se aplicar às cidades, mas o multiplicador seria menor ou maior em função da potência industrial urbana. Argumentamos que a organização do espaço pelas cidades (espaço integral) passa por diversos níveis a depender de seu crescimento industrial.

De resto, não parece difícil e nos esforçamos para mostrar, infelizmente a partir de exemplos fragmentados, as relações entre o tipo de atividade alimentícia interiorana e o tipo de atividade urbana. Evidentemente, há diversas variações suscetíveis de deformar o esquema.

Dois elementos de reflexão parecem indispensáveis:

1) O aumento cumulativo da demanda urbana é raramente satisfeito pelo mundo rural (notadamente nos países de estrutura agrária ou de organização agrária arcaica): por isso a necessidade de importações. Estas são reduzidas conforme a cidade saiba o melhor momento de utilizar seus incentivos e capacidades. A questão do tempo tem grande importância.

2) As populações urbanas não são formadas por um modelo específico. As diferenças de composição, quantitativas e qualitativas, determinam as diferenças tanto no consumo quanto nas repercussões da demanda sobre a produção local. Os dados demográficos (ou qualitativos) comandam a demanda global. Os dados econômicos (ou quantitativos) comandam a distribuição dos gêneros alimentícios e suas repercussões sobre a produção. Evidentemente, os dados demográficos e qualitativos são traduzidos em dados econômicos e quantitativos, o que constitui um elemento de complexidade da questão.

### **B) Composição das populações urbanas e problemas alimentares**

As relações entre a composição da população urbana e o problema alimentar devem ser estudadas segundo os dados demográficos e os dados econômicos:

1) Dados demográficos. - Os dados demográficos são essencialmente a estrutura por idade, o período de tempo na cidade, a religião, a nacionalidade, o nível de cidadania das respectivas nacionalidades em relação à população local, o nível cultural, a importância da população flutuante<sup>8</sup>. O consumo de alimentos não é necessariamente o mesmo entre homens e mulheres, assim como entre adultos, crianças e idosos. Vários índices foram elaborados com essa intenção. A escala de Oxford nos dá uma indicação das diferenças de consumo. Os jovens (até 15 anos) teriam um consumo inferior a 50% em relação ao chefe de família e os demais consumiriam, inclusive as mulheres, 30% menos. Assim, quanto mais jovem é a população urbana e quanto mais desfavorável a proporção entre os sexos, mais o consumo global tenderá a decrescer.

---

8 N.T. "população flutuante" são todos aqueles que vivem fora do local onde estão registrados sem que seus documentos sejam transferidos para seu novo local de residência.

A religião tem consequências qualitativas pois ela pode determinar a prioridade de uma determinada dieta. O tempo de instalação na cidade se combina com o nível cultural para nos fornecer o grau de permeabilidade da população aos novos modos de consumo. A influência de uma população estrangeira depende de seu nível de civilização material e de seu poder político e econômico: ele pode impor novos gostos, se adaptar ou compo-lo. Havia e continua existindo vários casos de verdadeira simbiose, verificados na África e em outros lugares. A importância da população flutuante depende da nacionalidade e da natureza dessa população. Ela pode reforçar o regime local, assim como contribuir com sua modificação.

2) Dados econômicos. - Os dados econômicos ou quantitativos possuem essencialmente relação com o emprego/não emprego, com a estrutura sócio-profissional e com a diferença entre as rendas. Nós devemos levar em conta o fato de que o subemprego não possui o mesmo ritmo e talvez a mesma natureza entre duas cidades diferentes e na mesma cidade ao longo do ano. As comparações se estabilizarão com o calendário da produção local e sua comercialização.

Grosso modo, quanto mais numeroso é o subemprego, mais ele é ampliado durante o ano e mais a população urbana possui oportunidades de ser alcançada pelas deficiências alimentares, sobretudo se há uma coincidência entre o desemprego urbano e um período de escassez na produção agrícola da região. A estrutura profissional, ligada claramente às funções exercidas pela cidade, nos oferece uma variedade de possibilidades virtuais de abastecimento de diferentes camadas da população, sem desconsiderar que as camadas superiores gastam mais para obter a mesma quantidade de calorias.

A abordagem concreta da questão permanece sendo o estudo dos orçamentos familiares. Eles constituem o único meio de conhecer o emprego efetivo dos salários e das rendas. Nós retomaremos a questão com o estudo do consumo alimentar urbano.

3) Elementos de complexidade. - Outros elementos, de estrutura e de conjuntura, entram em jogo juntamente com os dados demográficos. Esses outros elementos são suscetíveis a modificar o comportamento econômico-alimentar das populações. Entre estes, devemos incluir:

- os problemas alimentares comuns nos países onde se insere a população urbana em questão;
- a distância real ou virtual dos centros locais de produção;
- a conjuntura econômica.

### **C) A evolução esquemática da população**

Partindo dos dados elencados, e sabendo que a questão não se coloca da mesma forma em todas as cidades, somos tentados a propor um esquema da evolução das populações urbanas em países subdesenvolvidos. Esse esquema

evolutivo das populações é concebido por graus de complexidade e se aplica indiferenciadamente:

- a) Nas diferentes situações contemporâneas;
- b) Na evolução da situação num mesmo país ou região.

I. População urbana cujo setor primário é desenvolvido, o secundário mal definido (construção, artesanal) e o terciário formado de serviços básicos, domésticos. A administração pública e os negócios são geralmente compostos de pessoas vindas do exterior. O subemprego não é agudo e pode nem mesmo existir. As migrações rurais e estrangeiras são sobretudo masculinas, a natalidade é baixa e a mortalidade elevada. Podemos falar de pré-urbanização. É o caso das novas cidades da África ou das cidades artificiais da América Latina. As atividades de construção tomam o controle sobre as outras e possuem ainda um papel motor. Seriam cidades de verdade? Essas aglomerações estão ainda em um estado pré-urbano e a organização de seu espaço é habitualmente muito embrionário.

II. População urbana que ainda possui resquícios do setor primário, cujo setor secundário é formado por indústrias estagnadas: para as maiores cidades, são indústrias ligadas sobretudo à exportação de produtos agrícolas e ao consumo de luxo. O setor terciário se torna mais importante que no caso I. Ele é associado à vida estritamente econômica e provoca um terciário não econômico. Os serviços presentes já são do segundo nível. A mortalidade permanece elevada, mas a natalidade está em crescimento. A relação entre homens e mulheres se estabelece nas migrações rurais, sendo uma grande parcela oriunda das regiões rurais interioranas. Essas migrações são muito mais causadas pela expulsão do mundo rural do que pela atração da cidade. Esta parece constituir um refúgio. É o início da evidente urbanização, apesar do setor moderno ser muito reduzido. Encontramos aglomerações do nível de capitais regionais cujo espaço é, ao menos em parte, organizado por transportes mecanizados.

III. A população urbana se caracteriza pelo desaparecimento total ou quase total do setor primário, o que implica o aumento de empregos secundários criados nas indústrias "urbanas" e "regionais". O setor terciário se torna qualitativamente e quantitativamente mais importante, com a instalação de serviços de terceiro grau. A tendência de agravamento do emprego e de ampliação do subemprego se estende sobretudo pelos indivíduos recém chegados. A natalidade se mantém elevada, mas a mortalidade está em queda. As migrações rurais-urbanas aumentam sensivelmente, salientando o agravamento do desequilíbrio rural. A urbanização é mais avançada, a industrialização nascente, um setor moderno se forma e se alarga. As vias de comunicação permanecem com qualidade inferior. Trata-se, na maioria das vezes, de metrópoles incompletas, cujo espaço é organizado em função de metrópoles economicamente correspondentes.

IV. Aqui a população urbana registra uma redução de taxas de não-emprego e subemprego. O setor primário é praticamente inexistente. O setor secundário se torna importante com a aparição de indústrias polivalentes e atrativas, a jusante e a

montante. Isso garante um grande número de empregos. O setor terciário se conecta às novas necessidades da população, sobretudo às novas necessidades do comércio e da indústria. Uma tendência à redução do terciário primitivo (sensível redução do emprego doméstico) se manifesta enquanto expande o terciário avançado e o surgimento do desenvolvimento do “quaternário” e terciário superior. Natalidade e mortalidade possuem taxas muito baixas. As migrações são originárias sobretudo de regiões rurais mais desenvolvidas e de um setor muito reduzido de áreas rurais atrasadas. Nestas, os balancetes são muito reduzidos, pois as novas condições da economia e da sociedade urbana não são mais compatíveis com a absorção de indivíduos sem qualificação. As migrações são devidas - e pela primeira vez - à atração da cidade. Nesse estágio, a industrialização urbana já é muito impulsionada. Estamos em face de verdadeiras metrópoles industriais. A organização do espaço regional repousa sobre uma rede de rotas de primeira ordem, cuja densidade é intensa.

O que nós acabamos de escrever aqui não é nada além de, evidentemente, um esquema. Sem dúvidas, ele contém todo os defeitos de um esquema fabricado em parte pelos materiais quantitativos insuficientes, cuja pesquisa tem estado praticamente alheia a essas preocupações; a divisão em quatro partes é, sem nenhuma dúvida, arbitrária, mas ela nos aparenta se adaptar às etapas de crescimento que, grosso modo, podemos reconhecer nas cidades de países subdesenvolvidos. É evidente que num mesmo país diversas ou todas as situações podem se apresentar ao mesmo tempo. Isso é um elemento de complexidade que precisa ser levado em conta na análise das diferentes situações.

## II – O consumo urbano

### A) As oscilações do abastecimento e das compras

A quantidade de alimentos direcionados aos mercados urbanos varia em função de diversos fatores, como o ritmo da produção, as perturbações vindas da influência do comércio e as oscilações dos custos de transporte. Essas variações não são somente anuais, mas também semanais. Além disso, estudos realizados em Koforidua mostraram que mesmo durante o dia o ritmo de chegada dos alimentos não é homogêneo<sup>9</sup>. Assim como a oferta, a procura varia e não é distribuída regularmente ao longo do ano, do mês, da semana ou mesmo nas diferentes horas do dia.

Em Kitwe Copperbelt<sup>10</sup>, o período mais ativo é o mês de janeiro, seguido pelo período de menor atividade: fevereiro-março.

9 MCCALL, Daniel F.. The Koforidua Market. In. BOHANNAN, Paul; DALTON, George (Org.). *Markets in Africa*. Chicago: Northwestern University Press, 1968.

10 MIRACLE, Marvin P.. African Markets Trade in Copperbelt. In. BOHANNAN, Paul; DALTON, George (Org.). *Markets in Africa*. Chicago: Northwestern University Press, 1968.



Em Recife, o consumo de carne seca e salgada variava, em 1956, de um mínimo de 5-6 toneladas no mês de janeiro a um máximo de 26-27 toneladas no mês de dezembro<sup>11</sup>. As oscilações no consumo acompanham as da produção, cujo desenvolvimento está condicionado à pluviosidade.

Em quase todos os lugares, as compras mais numerosas são feitas ao final do mês, quando os salários são pagos, mas também aos sábados, dia que precede o domingo - dia de fechamento dos mercados - e naturalmente às segundas-feiras para reabastecer os mantimentos.

De acordo com as horas do dia, há também diferenças na frequência com que a clientela vai aos mercados. Essas oscilações diferem de acordo com a existência ou não de um dia de mercado mais importante. Em Koforidua, nós constatamos que apenas a partir das 8-9 horas o número de compradores nos dias de grande mercado é maior que nos outros dias. Nós diríamos que os consumidores certamente encontram, nesses dias, tudo o que eles precisam e, por isso, acabam esperando... ou aguardam o rebaixamento dos preços.

### **B) Orçamento e consumo**

A porcentagem média do orçamento voltado às despesas alimentícias varia de acordo com as cidades e regiões de um mesmo país e entre as diferentes aglomerações do mundo subdesenvolvido, mesmo dentro de uma população urbana. A variação geográfica se deve pelos diferentes níveis de desenvolvimento. As variações no interior de uma cidade ocorrem em razão das diferenças de renda, de orçamento e de fatores paralelos. As porcentagens da despesa voltada à alimentação são de 41,6% para as 16 cidades mexicanas de população superior à 100.000 habitantes, de 52,7% para Dakar, de 60% para Marrocos (para os marroquinos-muçulmanos), 46% para as populações urbanas da América Latina considerada em sua totalidade. Em Aguascalientes, México, as famílias que possuem uma renda de até 200 pesos empregam dois terços de seu salário em alimentação, ao passo que aquelas cuja renda é superior a 3.000 pesos empregam apenas um quinto. Na Colômbia, uma pesquisa já antiga (1953) mostrou que as despesas alimentícias dos empregados urbanos representavam 39% de seu orçamento e 49% para os operários urbanos

De maneira geral, as despesas da população urbana são proporcionalmente menos elevadas que as do campo no que concerne à alimentação.

	<b>Cidade</b>	<b>Campo</b>
<b>América Andina</b>	46,25%	63,24%

11 LAVAREDA, José Heskett. Abastecimento da cidade do Recife em carne e leite. *Boletim Carioca de Geografia*, ano XIV, nº 1 e 2, 1961.

<b>Marrocos (muculmanos)</b>	60%	75%
------------------------------	-----	-----

Enfim, em cada cidade e em um dado momento, se considerarmos as diferentes porcentagens salariais despendidas por cada família em alimentação e a média de consumo nacional, há um limiar a partir do qual os habitantes urbanos consomem mais certos produtos. Os exemplos tomados nas cidades de Kumasi, Mutare<sup>12</sup> e Bulawayo, Guelo, Harare<sup>13</sup> e na população urbana da Zâmbia nos permitem chegar aos seguintes dados para a carne, os cereais e o leite.

	<b>Carne</b>	<b>Cereais</b>	<b>Leite</b>
<b>Kumasi</b>	80 a 90%	80 a 90%	80 a 90%
<b>Harare</b>		70 a 80%	70 a 80%
<b>Cidades de Zâmbie</b>	120 a 130%	120 a 130%	120 a 130%
<b>Mutare e Guelo</b>	80 a 90%		90 a 100%
<b>Bulawayo</b>	80 a 90%	80 a 90%	90 a 100%

### C) Cidades e Campos

De modo geral, nas cidades o nível alimentar tem uma tendência a se tornar mais elevado.

No Japão, uma pesquisa realizada entre 1951 e 1953 mostra a superioridade do consumo urbano em alimentos ricos comparado àqueles do campo: leite e laticínios: + 90%, carne: + 157%, ovos: + 65%, peixe: + 21%, frutas: + 39%, açúcar e gorduras: + 42%<sup>14</sup>.

Na África Ocidental, a diferença entre o consumo alimentar do outono, após a colheita, e aquela entre a metade de junho e o fim de agosto é muito mais pronunciada no campo. Na cidade, ela se situa entre 2500 e 1500 cal aproximadamente, ao passo que nos campos ela sai de um consumo superior à 3000 cal e cai para um consumo inferior a 1000 cal<sup>15</sup>.

Pode acontecer, como no Extremo-Oriente, que o número global de calorias esteja abaixo nas cidades, mas que a quantidade de proteínas de origem animal esteja duas vezes mais elevada. Isso é o que indica o relatório preparado pela F.A.O.<sup>16</sup> para o Congresso de População realizado em Roma.

Em Rangoon, o número de calorias (2.088) é levemente superior àquele das zonas rurais (2.075), assim como a quantidade de proteínas (50,7 e 48,3 g). Porém, a

12 N.T. No texto original, o autor menciona "Umtali". Atualmente, após sua emancipação, o distrito de Zimbábue recebe o nome de Mutare.

13 N.T. No texto original, o autor refere-se à capital do Zimbábue como "Salisbury". Atualmente, a cidade recebe o nome de Harare.

14 UNESCO. *Rapport sur la situation sociale dans le monde*. New York: ONU, 1957.

15 ONU. *Situation sociale dans le monde*. New York: ONU, 1957.

16 N.T. *Food and Agriculture Organization*, em inglês, e Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, em português.

participação do arroz na alimentação urbana é inferior àquela dos campos. No Paquistão, em cinco centros urbanos da província oriental, o consumo alimentar urbano é inferior ao consumo alimentar rural, seja quantitativamente ou qualitativamente. O caso é o mesmo em Manila. O consumo de arroz nas cidades é igualmente inferior àquela que registramos nos campos. Por todos os lugares, portanto, há uma tendência de melhorar qualitativa do consumo alimentar. A perda quantitativa é apenas momentânea e corresponde a um desequilíbrio cuja tendência é ser absorvido.

É preciso considerar também a dimensão da cidade. B. Kayser mostrou como, na Grécia, a parte do orçamento familiar direcionado a alimentação representa, em Atenas, 37,8% do orçamento total, ao passo que ela é de 42,4% para as cidades de 10 a 30.000 habitantes e de 41,3% para as cidades possuindo mais de 30.000 habitantes, e, além disso, o nível total do consumo é inferior em um terço nas cidades provinciais.

A passagem de uma situação rural a uma situação urbana ou semi-urbana ilustra muito bem a questão. Em um artigo apaixonante<sup>17</sup>, Pierre Bourdieu e Abdel-Malek Sayad mostram como uma espécie de semi-urbanização sucede os reagrupamentos populacionais na Argélia. Dentre as perturbações ocorridas, a que se refere aos comportamentos no domínio do consumo, e inclusive no domínio do consumo alimentar, é flagrante. Os comportamentos aparecem claramente diferenciados.

A comparação de orçamentos familiares de Djebabra, grupamento que pôde manter os vínculos rurais mais pronunciados, e Kerbera, grupamento que apresenta mais que os outros as características semi-urbanas, é eloquente (cf. quadro na página seguinte).

Nas favelas urbanas, o nível alimentar é mais baixo que nos campos relativamente prósperos, a porcentagem de despesas direcionadas para a alimentação diminui consideravelmente. Por outro lado, é significativo que a porcentagem de despesas direcionadas à compra do leite, das frutas e da carne seja superior em Kerbera comparado a Djebabra, ao passo que a porcentagem de despesas direcionadas aos cereais em Kerbera é inferior em relação a Djebabra. É preciso indicar a aparição, no mais urbanizado dentre os dois grupamentos, de um consumo externo ao grupo representado pela trato com o café e, também, a aparição de um consumo de tabaco significativamente mais importante (9,90% do orçamento total de Kerbera, 1,30% do orçamento total em Djebabra).

---

17 BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. Paysans déracinés. Bouleversements morphologiques et changements culturels en Algérie. *Études Rurales*. n. °12, p. 56-94, jan.-mar., 1964.

	Djebabra		Kerbera	
	Despesas em francos por ano e por família	Coefficiente orçamentário (%)	Despesas em francos por ano e por família	Coefficiente orçamentário (%)
Consumo total	5492	100	2290	100
Consumo alimentar	3645	66,4	1372	59,6
Produtos à base de cereais		29,9		26,7
Legumes secos		3,5		0,2
Carnes		5		5,1
Leite e gorduras		4,5		7,0
Legumes frescos		11,4		7,5
Frutas		2,6		7,4
Mantimentos		9,3		2,4
Consumo fora de casa		0		3,5
Consumo não-alimentar	1847	33,6	918	40,4

#### **D) Nível de vida e níveis alimentares**

De fato, como nós já vimos muitas vezes, o comportamento alimentar das populações urbanas varia conforme as diferentes camadas populacionais. E é nos orçamentos familiares que encontramos a verdadeira chave da questão. Abaixo de um certo nível, os indivíduos ou as famílias se tornam mais vulneráveis a fatores como a elevação do custo de vida e as oscilações de abastecimento que, juntos, determinam, muitas vezes, uma oscilação no volume e no valor das compras e no preço dos alimentos. O peso do parasitismo familiar é igualmente relativo ao nível salarial. As consequências do jogo entre esses fatores, diferenciando-se de uma cidade para outra, são, dentre outras, o endividamento permanente e a subalimentação de certas camadas da população, feridas que se apresentam com ainda maior gravidade quanto menor for o nível médio de vida.

Em Ponta Negra, os orçamentos dos lares africanos (1958-1959, I.N.S.E.E., abril 1962) apresentam uma diferença de 1 a 14 entre os orçamentos mais modestos e os mais elevados. Nessa aglomeração congolosa, o peixe absorve 28% das despesas médias, a mandioca e os feculentos<sup>18</sup> > 1%. Da passagem do nível de vida inferior ao nível de vida mais elevado, corresponde um aumento da parte direcionada ao < pão e cereais > (de 8 à 12 %), e das bebidas (5 à 25 %), ao passo que o grupo mandioca e feculentos cai (de 27 à 11 %).

18 N.T. Legumes que contêm fécula. Exemplos são: feijão, batata e ervilha.

### **E) O papel do parasitismo familiar<sup>19</sup>**

Não podemos esquecer do papel do parasitismo familiar na degradação das condições orçamentárias e alimentares das populações de certas aglomerações africanas. M. Soret levantou um quadro do número de pessoas que vivem com apenas um salário em Bangui. Para os salários mais baixos, inferiores a 3.000 CFA, há 2,4 pessoas vivendo com apenas um salário. Esse índice vai aumentando até a classe de renda de 9 a 12.000 CFA (6,1 pessoas por saldo) e reduz, em seguida, nos grupos de rendimentos superiores.

Em Quinxassa, quando o relatório Capelle foi escrito, 3.000 estudantes viviam com os pais na cidade por volta dos anos 1940. É verdade que esse número tenha sido multiplicado por mais de 10, enquanto a população global foi multiplicada por 6, aproximadamente. Por outro lado, quem quer que se encontre em casa no horário da refeição toma lugar à mesa<sup>20</sup>: não obstante o esforço empenhado pelos empregadores europeus para fazer desaparecer esse hábito, essa forma de solidariedade é, ainda, muito difundida em muitas cidades africanas e na América Latina. Esse não é um fenômeno exclusivo da África. Em Porto Príncipe, uma pesquisa realizada por M. Brave Hippolite em 8 estabelecimentos de bebidas gasosas nos revela que 80% dos trabalhadores possuíam, em seu encargo, 1 a 3 membros da família em situação de desemprego.

### **F) O preço dos alimentos estão sempre em alta**

Por outro modo, a elevação do custo de vida, e sobretudo da alimentação, é incessante.

Os índices de Douala são impressionantes: os salários passam de 1 a 10 entre 1938 e 1948 e o índice do custo de vida cresce de 1 a 20,3.

Há casos semelhantes mais ou menos graves praticamente em todos os lugares no mundo subdesenvolvido.

Em Dakar, para a população européia, o índice dos preços do consumo evoluiu dessa forma<sup>21</sup>:

19 N.T. No original, "*parasitisme familial*", termo que se refere a fenômeno comum nas relações sociais de certos clãs e algumas tribos africanas, e que se reflete também nos espaços urbanos. Segundo SOUSA, Alfredo de. Economia e sociedade em África - evolução actual. *Análise Social*, 2(6), 249-295, 1964. (p. 254): "Na ambivalência cultural do africano em evolução, a solidariedade grupal é transposta para a cidade e subsiste sob novas formas. Assim, o africano imigrado e estabelecido na cidade que consegue algum emprego ou algum crédito em qualquer actividade, frequentemente chama para junto de si e da sua família restrita um ou vários familiares e membros do seu grupo extenso, ou, quando aquele não os chama, são estes que se apresentam a solicitar guarida e sustento".

20 CAPELLE, Emmanuel. La cité africaine de Léopoldville. In. UNESCO. *Aspects Sociaux de l'urbanisation et de l'industrialisation en Afrique du Sud du Sahara*. Paris: Unesco, 1950.

21 *Comptes économiques*, République du Sénégal, 1963, p. 28.

Índice dos preços	Ano				
	1958	1959	1960	1961	1962
	100	106	108	112	116

Ao lado da participação dessa tendência geral à elevação do custo de vida, o problema dos preços dos alimentos nas cidades costumam ter dois aspectos principais: o primeiro é sua variação durante o ano e, talvez, durante períodos mais curtos que se reduzem a um dia; o segundo é sua elevação sucessiva durante os anos consecutivos de tal sorte que, em muitos dos casos, o salário mínimo não atende mais às necessidades biológicas mínimas.

Em Bouaké, a totalidade dos produtos encaminhados ao mercado conheceu, na época comercial, um aumento médio de 20% comparado à média anual. O período do comércio se situa justamente após as colheitas de inhame. Com o dinheiro circulando mais facilmente, os revendedores permitem margens maiores nos mercados urbanos e semi-urbanos, ao passo que nos mercados rurais, fornecedores de comida, o inhame é mais barato. O aumento da demanda, devido à chegada de trabalhadores em Basse-Côte<sup>22</sup>, contribui igualmente para o aumento dos preços<sup>23</sup>.

O fenômeno se reproduz praticamente por todos os lugares com mais ou menos intensidade, mas às vezes o aumento dos preços é progressivo, como em Bathurst<sup>24</sup>:

Alimentos	Março	Junho	Setembro	Dezembro
	106	111	117	124

As compras realizadas pelo exército camaronês, para a alimentação de seus efetivos, nos oferece o mesmo resultado<sup>25</sup>:

<b>1947</b>	<b>1º trimestre</b>	10,50
	<b>2º trimestre</b>	15,47
	<b>3º trimestre</b>	16,98
	<b>4º trimestre</b>	20,96
<b>1948</b>	<b>1º trimestre</b>	22,05
	<b>Abril</b>	24,74

22 N.T. região ao sul do território da atual Costa do Marfim.

23 CHAU, Le. Problèmes économiques du commerce dans la région de Bouaké. *Cahiers ORSTOM: Sciences humaines*, v.3, nº5, p. 3-104, 1966.

24 *Annual Report of Rabour Department*, 1947, Gambie, Bathurst, 1948.

25 GUILBOT, Jacques. Les conditions de vie des indigènes de Douala. *Etudes camerounaises*. t. II, nº 08, p. 27-28, set-dec. 1949.

A Ilha de Santiago reúne duas tendências: oscilações dos preços de alimentos durante o ano e elevação contínua de um ano para outro. Os produtos de origem animal conhecem uma variação ao longo do ano junto com uma alta ao fim da temporada de seca e nos meses chuvosos, mas a subida de preços é contínua; comparado a 1953, o aumento é de 50%<sup>26</sup>.

### G) Endividamento e subconsumo

Um dos resultados da elevação do custo de vida comparado ao aumento dos salários é o endividamento permanente das classes inferiores. Ainda assim, são essas classes e o setor agrícola que são chamados, nos países subdesenvolvidos, a financiar as operações de desenvolvimento nacional. No México, nós temos bons exemplos de insuficiência de salários para subsistir às necessidades mais imediatas. Moysés Gonzales Navarro<sup>27</sup> nos dá a porcentagem de famílias deficitárias, incluindo as famílias que fazem apelo ao endividamento para sobreviver:

<b>Distrito Federal</b>	31%
<b>Monelia</b>	17%
<b>Chihuahua</b>	24%
<b>Torreon</b>	17%
<b>Águas Calientes</b>	17%

Mas há também outros exemplos: as despesas em Niamey são superiores às receitas em 20%. A Unesco realizou uma análise sobre os trabalhadores migrantes de Bombaim onde foi constatado que a renda média da família de um trabalhador é inferior a, aproximadamente, 10% do volume de suas despesas. No Ceilão, a diferença é ainda maior: em Colombo, onde as dívidas são mais importantes que em outros lugares, a relação é de 122%. Em Formosa, 56% das famílias urbanas estão endividadas e, em Cingapura, um quarto da população vive em condições subnormais. Um outro resultado é o subconsumo das massas urbanas. Ele alcança diferentes porcentagens na população das cidades, em função do desenvolvimento nacional e urbano. A pesquisa conduzida em Túnis por Paul Sebag<sup>28</sup> mostra que entre as populações menos abastadas da cidade, o consumo foi inferior às necessidades, com substituição de alimentos ricos por outros, de valor menor.

Sebag nos mostra como se encontra, do ponto de vista alimentar, a situação de um trabalhador qualificado cujo salário médio é de 75 F por mês. O quadro a seguir nos incita a refletir sobre a situação das classes de trabalhadores e subempregados que ainda se encontram abaixo dos trabalhadores qualificados.

26 AMARAL, Ilidio do. *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*. Lisboa: Universidade do Algarve, 1964.

27 NAVARRO, Moysés Gonzales. Le développement économique et social du Mexique. *Annales: économie, société, civilisation*, 21º ano, nº 4, p. 842-858, jul.-ago., 1966.

28 SEBAG, Paul. *Évaluation en argent des besoins minima de l'entretien alimentaire*, 1955.

## Pesquisa sobre os assalariados da Região de Tunis, 1956

	<b>Possível (salário mensal)</b>	<b>Frequente (salário mensal)</b>	<b>Inevitável (salário mensal)</b>
<b>Má nutrição</b>	entre 85 e 65 F	entre 65 e 75 F	abaixo de 65 F
<b>Desnutrição</b>	entre 65 e 75 F	entre 75 e 25 F	abaixo de 25 F

Nessa data, um trabalhador não-qualificado possui um salário de 2,50 F à 3,0 F por dia, ou 75 F por mês (para um pai de 3 filhos, o quociente por pessoa cai para 15 F).

Em Recife, a pesquisa mostra a situação das classes baixas comparado à média da população. A análise de A. Gonçalves Fernandes<sup>29</sup> abrangeu 1162 famílias. Destas, 97,1% tomam café da manhã, das quais 90,4% comem pão, 42,1% bebem leite, 22,7% comem manteiga, 13,6% comem frutas e 0,6% comem bolos. No que concerne ao leite, as porcentagens foram as seguintes:

<b>Classe alta</b>	75,4%
<b>Classe média</b>	61,3%
<b>Classe baixa</b>	28,9%

No almoço, a porcentagem relacionada ao consumo é a seguinte:

	<b>Total</b>	<b>Pobres</b>	<b>Classe média</b>	<b>Classe alta</b>
<b>Farinha de mandioca</b>	48,5	60,8	29,7	20,2
<b>Legumes</b>	30	31	51,3	56,1
<b>Carne seca</b>	26,9	35,9	12,9	1
<b>Frutas</b>	21,4	14,8	30	7
<b>Peixe</b>	17,5	13,6	22,9	40
<b>Frango</b>	8,1	3,5	13,5	28,1
<b>Ovos</b>	5,2	3,8	7,1	22,8
<b>Pão</b>	0,9	0,4	1,3	2,6
<b>Média de calorias</b>	3297	2893	3796	4586

Este quadro nos mostra primeiramente um consumo alimentar excessivo por parte das classes ricas. Ele nos informa também quantitativamente e qualitativamente sobre a existência de diferentes regimes no interior de uma mesma cidade.

### III. A evolução das condições alimentares em cidades de países subdesenvolvidos

A evolução da produção alimentícia das cidades e pelas cidades de países subdesenvolvidos indica um padrão curioso em que, a partir de uma autoprodução

29 FERNANDES, A. Gonçalves. *Alguns aspectos psicológicos-sociais dos problemas do abastecimento do Recife*. 1962.



local que se enfraquece, à medida em que a cidade se desenvolve, que o abastecimento se estende, que a distribuição simples se complexifica, que a alimentação equilibrada se deteriora; nós voltamos a ter um crescimento da população urbana e novos progressos econômicos, uma situação parecida com aquela do início, com uma significativa autoprodução, abastecimento imediato, fácil distribuição e a alimentação novamente equilibrada. A semelhança das situações é expressiva. No entanto, as diferenças são marcantes na natureza de cada um dos elementos, no início e no fim do ciclo.

Seria possível fixar um esquema evolutivo com o intuito de levar em conta, de acordo com os diferentes incrementos da demografia econômica urbana, a influência das cidades sobre a produção, comercialização, consumo e nível alimentar?

Tentamos elaborar um esquema que tem a pretensão de explicar ao mesmo tempo a evolução da situação numa cidade em processo de crescimento e de reconhecer situações diversas nas cidades com diferentes estágios de evolução.

I. Devemos considerar que a evolução começa nas cidades quando a fase de autoconsumo atenuado foi superada. Nesse primeiro estágio, o interior do país se mostra mais ou menos capaz de assumir adequadamente o abastecimento das cidades. Diversos fatores contribuem para isso, fora os que já foram citados.

Primeiramente, o esforço de se mover em direção às culturas comerciais faz com que o nível técnico da agricultura de subsistência tenda a diminuir. Em determinados anos, quando as condições meteorológicas estiverem favoráveis, os excedentes podem ser satisfatórios; o contrário ocorre quando as condições naturais são adversas. O homem não dispõe de adubo nem de sementes com melhoramentos, tampouco as ferramentas de qualidade estão disponíveis. Globalmente as taxas de retorno estão decaindo.

Referindo-se ao Congo (art. cit., C.O.M, 1963), P. Vennetier escreve que o desequilíbrio entre produção e consumo se deve ao fato de que no início os espaços rurais não tiveram um acompanhamento do progresso técnico da produção. Como única resposta ao aumento da demanda, encontramos um pouco desse progresso em algumas áreas cultivadas. Mas isso não é propriamente uma solução. Em primeiro lugar, isso representa o adiamento do problema da produtividade, pois as técnicas de colheita se mantêm as mesmas. Em segundo lugar, a extensão das superfícies com redução das taxas de rentabilidade corresponde a um afastamento das zonas de produção muito mais rápido do que o crescimento da demanda. A produção, contudo, não é liberada das condições climáticas. O fornecimento para as cidades e regiões não produtoras de alimentos (zonas mineiras, regiões de total monocultura) se mantêm subordinado a essa variável bastante imprevisível. Podemos acrescentar um quarto elemento de discussão: a fragilidade da agricultura de subsistência, a distância real ou virtual de sua localização, as necessidades incompressíveis de uma população em expansão criam condições de escolha para a ação dos intermediários. Estes se impõem ao mesmo tempo sobre a população urbana e populações

agrícolas. O aumento da demanda não os beneficia, pois, e em consequência, observa-se: uma baixa permanente da produtividade e dos resultados, o abandono da atividade agrícola e a redução da produção global - ao menos relativa ou temporariamente.

O exemplo abaixo, de Bugerere, mostra a enorme diferença entre os preços pagos ao produtor e o preço de venda e, qualquer que seja o preço de compra, como as margens de lucro do distribuidor se mantêm praticamente imutáveis.

**Custos e lucros do comércio de Banana em Bugerere.**

<b>1963</b>	<b>Preço pago aos produtores</b>	<b>Custos da colheita e do transporte</b>	<b>Margem de lucro do atacadista</b>
Janeiro	7,90	4,11	2,54
Fevereiro	8,58	4,48	1,5
Março	8,34	4,44	2,9
Abril	13,74	5,30	2,24
Junho	12,05	3,19	1,59
Novembro	6,93	2,64	0,56
Dezembro	8	2,64	1,3
Média dos 7 meses	9,04	3,96	1,3

Na primeira etapa, a concentração comercial é quase inexistente. Em contrapartida, as dificuldades de transporte, de armazenamento, de distribuição e etc, acarretam uma excessiva não-concentração de processos nos centros urbanos, mesmo nos grandes. Disso resulta uma parcela de autoconsumo, de não-monetarização do abastecimento e da troca de alimentos, e uma desorganização ou não-organização que tem reflexos sensíveis sobre o abastecimento normal...

Em Adamaoua, por exemplo, o consumo alimentar ainda não é completamente monetarizado. A comercialização atinge 94%, cifra esta que é importante se considerarmos que em áreas mais isoladas<sup>30</sup> essa taxa é de um terço. Em Haute-Volta, em 1959, segundo o estudo realizado pelo S.E.D.E.S., a parte da produção agrícola que escapa do autoconsumo e participa de um circuito comercial é inferior a 17%, portanto somente 7,4% alimentam o consumo urbano<sup>31</sup>.

Nesse nível de comercialização, podemos evocar os velhos costumes das trocas, sem risco grave de erro, e pensar que eles ainda possuem certo vigor. M. Soret mostra, no caso de Bangui, que 39% da população faz uma viagem por ano para áreas mais isoladas<sup>32</sup>. Mais da metade, 56% da população urbana, já foi ao campo.

30 N.T. No original "brousse", tipo de vegetação arbustiva tipicamente africana, distinta da savana, ou então localização que se distingue dos centros urbanos, ou, ainda, áreas rurais mais isoladas.

31 GERARDIN, Bernard. Le développement de la Haute-Volta. *Cahiers I.S.E.A.*, Supplément n° 142, n° 8, octobre 1963.

32 Ver N. T. na nota de rodapé 29.

Sendo raro o dinheiro, a economia se mantém semi-agrícola, as condições estão reunidas para que os cidadãos realizem as trocas de produtos manufaturados por produtos alimentícios. Esse regime é muito próximo daquele do campo e as carências são mínimas.

II. Uma outra hipótese foi pesquisada assim que a população ativa ou mesmo geral aumenta. No entanto, isso não parece viável até que a cidade e sua população atinjam dimensões mais imponentes. Essa questão se resolve por meio da importação extra-regional de alimentos. Infelizmente, a distância entre o centro produtor e o centro consumidor aumenta ainda mais. Assim como os outputs regionais aumentam enormemente, em razão da fuga de capitais que poderiam servir ao reinvestimento local, inclusive na agricultura...

O reabastecimento de Koforidua levanta tais problemas para alguns produtos que devem vir de muito longe, por vezes do estrangeiro:

<b>Produto</b>	<b>Cidade ou país de procedência</b>	<b>Distância aproximada</b>
Sal	Keta	147 milhas
Frango	Yendi	411 milhas
Peixes	Togo	200 milhas

Ao redor de Brasília as atividades agrícolas são reduzidas, não obstante os esforços realizados para desenvolvê-las. As plantações de tomates, arroz, feijão, milho e mandioca ocupam respectivamente as seguintes superfícies: 39, 550, 270, 650 e 45 hectares.

A parte principal do consumo depende de volumosas importações.

Colombo, mesmo sem levar em conta sua periferia imediata, importa 40% de farinha láctea, 15% de produtos alimentares para nutrição, 33% de leite em pó em relação ao conjunto do país<sup>33</sup>.

No plano da produção regional, o caminhão e o caminhoneiro desempenham um primeiro esboço de concentração. O primeiro no nível de quantidades transportadas e colocadas à venda, o segundo no nível da comercialização da produção. Essa concentração na escala do caminhão cria a figura do transportador comercial, muito frequentemente estabelecido por conta própria. Ela contribui igualmente para o estabelecimento de centros de remessa para os produtos alimentares, ainda mais importantes ou numerosos que a população atendida que é bastante numerosa. É o caso de Assesseva, na região de Koforidua (Ghana). As novas condições de comercialização, provocadas pelo progresso dos transportes, também podem beneficiar uma aglomeração já dotada de uma infraestrutura comercial.

33 UNESCO. Survey of Milk Consumption in the City of Colombo, department of Census and Statistics of Ceylon. *Le phénomène de l'urbanisation en Asie et en Extrême-Orient*. Calcutta: Unesco, 1959.

Nessa fase, não há importantes atacadistas, e os mercados são geralmente cotidianos ou semanais. A comercialização sedentária se realiza em pequenas unidades. Por outro lado, a oscilação dos preços dos produtos é considerável, em razão das flutuações dos preços na produção nas zonas produtoras. Isto resulta em particular da introdução sazonal e da incapacidade de constituir estoques nas cidades. A lei da oferta e demanda parece falseada pela presença dos intermediários, sistematicamente tirando vantagens nos períodos de alta.

A alimentação, nessa fase da evolução, é indiferenciada e tem tendência a variações quantitativas e qualitativas ao longo dos anos.

Pouco a pouco, o regime alimentar se urbaniza, uma tendência à subnutrição sazonal aparece, e as verdadeiras carências se instauram.

III. No momento em que a população urbana se torna ainda mais numerosa ou quando o nível de vida se eleva, a cidade se integra cada vez mais à sua zona de influência, melhora suas ligações com as regiões distantes, e verdadeiras possibilidades de mudança apontam no horizonte.

Na realidade, a extensão das redes de rodovias se deve ao desenvolvimento econômico geral. Sem ele, os esforços de modernização ou de melhoramento sem modernização sensível da agricultura de subsistência são em vão. O recurso à importação ainda se mantém pressionado. É a terceira via pela qual as cidades passam a se abastecer nesse período.

Em Recife, uma pesquisa realizada junto aos grandes comerciantes, agricultores e produtores mostrou a prevalência de significativas quantidades de produtos alimentícios. A distância de procedência varia de 200 a mais de 2.500 km. A tendência à ampliação do consumo de produtos não-alimentares e de alimentos de uma qualidade ou de um preço superiores é também uma característica dessa fase. As conclusões de um estudo feito na Rodésia do Norte<sup>34</sup> parecem provar a relativa elasticidade da demanda urbana nos alimentos. O consumo alimentar possui um aspecto residual; no primeiro plano das despesas, nota-se os produtos manufaturados. Além disso, entre os alimentos consumidos chama a atenção cada vez mais os produtos "enriquecidos", nem sempre por valor nutricional, mas sim pelo seu preço<sup>35</sup>.

Ainda segundo C. Collin e M. Haswell, em Madras, a elasticidade da demanda por alguns produtos era a seguinte:

<b>Peixes e carne</b>	1,11
<b>Leite</b>	2,24
<b>Açúcar</b>	1,40
<b>Café e chá</b>	2,19

34 N.T. atual Zâmbia.

35 THOMSON, Betty Preston. *Two studies, in African Nutrition: an urban and a rural community in Northern Rhodesia* n<sup>o</sup>24. Manchester: Rhodes Livingstone Paper, 1954.

As massas salariais e o dinheiro manipulado pelo comércio doravante estimulado, no entanto, devem ter sofrido uma grande influência da mudança da situação.

Koforidua, por exemplo<sup>36</sup>, realiza uma injeção anual de aproximadamente ₦370.000 em sua região de influência para a compra dos principais produtos alimentares.

Em Niamey, 72 milhões de francos CFA pagos a título de salários mensais também constituem um importante fermento. Ora, "o dinheiro colocado em circulação é um multiplicador de produção na medida em que a demanda de produtos de consumo e de uso se aplica aos produtos e objetos oferecidos pelo país"<sup>37</sup>. Essa massa de dinheiro colocada em movimento pelas cidades pode igualmente criar ou melhorar uma atividade de subsistência no país ou na região pelo financiamento induzido.

O aumento progressivo das despesas não-alimentares devido a uma maior participação nos modos de vida do mundo industrial obriga a uma compressão das despesas alimentares, se possível sem degradação da dieta. Na América Latina, 46,25% dos rendimentos urbanos são empregados na alimentação e 29% dos produtos manufaturados e dos serviços. Segundo P. Cunill, no campo, o segundo lugar não ocupa mais do que 13% do consumo. A elasticidade da demanda por produtos não-alimentares em Madras (1935-1936) se elevou a 1,67 para roupas e 0,73 para habitação, ao passo que o índice de elasticidade da demanda alimentar não foi mais do que 0,73. A antiguidade dos dados não os invalida. Ao contrário, eles representam uma situação que se reproduz em outros países subdesenvolvidos e mostram como é precoce a elasticidade da demanda por produtos fabricados. Mesmo no campo, a demanda por produtos não-alimentícios tende a se elevar acima daqueles produtos alimentícios. Na região de Kinki, no Japão (1956), a elasticidade da demanda alimentícia era de 0,25, ao passo que as dos produtos não-alimentícios permaneciam de 0,69 para as roupas e 0,51 para os produtos manufaturados.

Na Guiana Francesa, conta-se em média 6 geladeiras, 3 aparelhos de rádio e 8 carros por domicílio<sup>38</sup>, na região de Cayenne, dados muito importantes para um país subdesenvolvido.

Assim, é o conjunto dos comportamentos econômicos, é a própria economia que funciona no sentido de uma produção alimentícia comercializável a preços menos elevados.

Nesse momento dois fatos novos surgem:

---

36 MCCALL, Daniel F. The Koforidua Market. In. BOHANNAN, Paul; DALTON, George (Org.). *Markets in Africa*. Chicago: Northwestern University Press, 1968.

37 GEORGE, Pierre. *Géographie de la consommations - "Que sais-je?"*. Paris: Presse Universitaires de France, 1963.

38 N.T. par foyer.

1. No interior, as áreas de cultura alimentícia são criadas ou melhoradas não importando seus rendimentos. Elas participam de um circuito comercial, diretamente com as cidades ou áreas não produtivas.

2. Na proximidade das cidades, sempre que as condições naturais e econômicas permitem, culturas de hortaliças e frutas se instalam e se desenvolvem em ritmos diferentes. Nos perguntamos se os migrantes rurais chegam nas cidades e os desempregados não formam uma mão de obra pronta para trabalhar nessas áreas por salários miseráveis.

No México, Claude Bataillon registrou nas áreas rurais próximas da capital salários com valor de 5 a 10 pesos, enquanto que na cidade eles atingem de 20 a 25 pesos.

Isso nos leva à ideia de que, todavia, é preciso mostrar que quanto mais um dado país possui hábitos alimentícios enraizados, mais a presença urbana e o desenvolvimento das cidades contribuem para o desenvolvimento e para a melhoria das culturas alimentícias. Isso aumentaria proporcionalmente a porcentagem da renda destinada à alimentação. Tal situação parece plausível somente em países de urbanização recente e rápida. Essa terceira etapa corresponde a uma capitalização mais aprofundada do comércio, devido a certos comerciantes que se tornam semi-atacadistas (exclusivamente) e atacadistas independentes. O armazenador se tornará, ele próprio, um atacadista à medida em que crescem suas possibilidades de estocar certos produtos menos perecíveis (milho, farinha de mandioca, feijão, açúcar, etc.).

O aumento das necessidades alimentícias exige um investimento de capital mais significativo, a concentração ocorrendo igualmente no nível do transporte. A concorrência, resultante da demanda garantida e em crescimento, exige que os intermediários paguem adiantadamente para os produtores com o intuito de conservar sua clientela. O comércio de atacado do Rio fornece bons exemplos de concentração. Uma só empresa comercializou 40% do milho para uma cidade de quase 3 milhões de habitantes e, de um total de 93 empresas, 6 delas mais de 60%. Somente um atacadista importou 12% de arroz, um outro vendeu 16% de batatas, 28% dos estoques comerciais resultaram de produtos alimentícios (tecidos: 50%; materiais de construção e materiais metálicos: 15%)<sup>39</sup>.

O caminhoneiro isolado deve se limitar a algumas tarefas específicas ou se mudar para outras regiões. A concentração do transporte ocorre pela intermediação de empresas especializadas, ou pela posse, por parte dos atacadistas, de seus próprios caminhões. A tendência aos monopólios se torna outra característica importante. Os comerciantes podem cada vez menos comprar diretamente das áreas de produção ou dos caminhoneiros-comerciantes. O atacadista se torna senhor dos preços e, frequentemente, os manobra para uma alta, servindo unicamente aos seus interesses.

---

39 BORGES, Thomas Pompeu Accioly, O comércio do Distrito Federal. In. PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *Comércio Metropolitano do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: S.E.N.A.C., 1957.

Essa fase, que corresponde a uma fase pré-industrial da economia urbana, deve-se a uma industrialização frágil e principiante - marcada, no que tange à nutrição urbana, por uma seleção de alimentos consumidos. Em geral, eles são alimentos não industrializados, por vezes passando por operações de acondicionamento para serem mais facilmente conservados pelos atacadistas. Eles são os que igualmente apresentam vantagens para o transporte e acondicionamento. A tendência é de importação de alimentos cada vez em quantidades maiores e mais distantes. A oscilação de preços é a regra nesse terceiro período. As condições de produção naturalmente têm um papel, mas é sobretudo a especulação que age sobre a flutuação dos preços. A propensão ao consumo de produtos fabricados se projeta, consequência dos fluxos dos estoques e do preço.

Nessa fase, as disparidades de fortunas se agravam no interior da cidade, a subnutrição e a má nutrição se tornam uma questão de fortuna ou presunção: muitas vezes os pobres não podem comprar para si alimentos em qualidade e quantidade suficientes, e por vezes também as pessoas de classe média sacrificam sua mesa por produtos industrializados de luxo, a começar pelo carro.

IV. Num quarto estágio, a especulação comercial e a previsão governamental operam simultaneamente para uma melhor solução do problema, ou seja, a especulação, que assombra as massas, pressiona os governos a fazer previsões... Essa etapa raramente aparece fora das cidades industrializadas, onde as soluções são aparentemente espontâneas. Mesmo quando se trata de um importante centro administrativo, a parcela de espontaneidade pode ser suficiente para provocar a liberação de fundos consideráveis quando a cidade e, por vezes, o país possui meios limitados? Somente a indústria, pelos salários que ela distribui, fornece as condições de um mercado seguro e permanente. Os produtos que ela fabrica contribuem para a diminuição dos preços, para o aumento das rendas e da produtividade. Do mesmo modo, sua influência atua na normalização da produção agrícola e na melhora dos transportes.

A implantação de numerosas indústrias alimentícias, a armazenagem e o acondicionamento que somente uma grande cidade industrial de um país em via de desenvolvimento pode oferecer completam a regularização do mercado. Essa fase também faz avançar as atividades de horticultura e a produção leiteira. Elas se tornam capazes de entrar em concorrência com a especulação imobiliária na ocupação de numerosas terras, contrariamente ao que se passou na fase anterior.

Essa última fase parece ser a única em que essas cidades se assemelham às cidades dos países desenvolvidos, especificamente por suas características econômicas. Elas não deixam de ser cidades do mundo subdesenvolvido pela presença em seu interior desta parte da população que elas atraem por sua oferta de emprego, mas que se deslocam em vão.

Essas cidades animam, na sua zona de influência regional, centros de cultura moderna com uma produtividade muito elevada. No seu entorno imediato, elas reforçam uma zona de cultura de hortaliças e de frutas. Os equipamentos de

armazenagem, distribuição e comercialização se adaptam às exigências da demanda, e a indústria urbana facilita tudo. Esta indústria urbana, diversificada e potente, representa economias externas de grande valor, desempenhando um papel decisivo no desenvolvimento das indústrias alimentícias. Nos parece oportuno recordar que o Paraguai, não dispondo de uma indústria significativa, gasta 13% do preço de venda na compra de latas para conserva. Em certos países da África essa taxa pode chegar a 20 e mesmo 30%.

Uma população numerosa na cidade e em sua região aumenta - para a produção alimentícia ou industrial - as possibilidades de expansão e de operação. Nesse caso os preços são duplamente vantajosos: remuneram os produtores e são acessíveis para a massa.

No Brasil, entre 1939 e 1952, as despesas com alimentos brutos atingiram a taxa de 3,3%, ao passo que os alimentos industrializados cresceram mais de 7,4%. Em 1952, o consumo de alimentos industrializados já representava 30% do total<sup>40</sup>.

Esse estágio de evolução corresponde à extensão do comércio varejista moderno. Em certos casos ele pode começar a se instalar logo no período anterior. A presença do comércio moderno não exclui a presença do comércio tradicional, na medida em que o comércio atacadista se mantém como a força principal e que a demografia urbana assim permite. No México, a presença simultânea de um comércio atacadista fortemente concentrado e de supermercados nos bairros mais ricos não retardou o comércio de mercados de bairro, dos muitos numerosos pequenos varejistas e vendedores ambulantes<sup>41</sup>.

Essa fase é contemporânea de um aumento do poder econômico da cidade, de uma melhora geral do nível de vida de seus habitantes e coincide com a imposição de novos gostos para alimentos fabricados, congelados, enlatados e etc. Nessa etapa, os preços tendem a baixar, levando em conta a redução do número de intermediários e as margens de lucro: a importância dos negócios contribui para reduzir os preços de compra e os custos administrativos. Esses comércios modernos possuem um papel de reguladores dos preços, com tendência de baixa, papel ainda maior quando são mais numerosos e mais antigos na cidade.

Nessa fase, a alimentação urbana aumenta a porcentagem de consumo de alimentos fabricados, industrializados ou que passam por uma transformação de tipo industrial. O abastecimento se torna regular e escapa das crises sazonais. De um certo modo, pode-se dizer que a alimentação volta a ser indiferenciada durante o ano. De fato, durante todo o ano é possível encontrar todos ou quase todos os produtos alimentícios que se procura.

---

40 BORGES, Thomas Pompeu Accioly. Relaciones entre desenvolvimiento económico, industrialización e incremento demográfico urbano en el Brasil. In. HAUSER, Philip M.. *La urbanización en America Latina*. Santiago: Unesco, 1961.

41 BATAILLON, Claude. Mexico: Capital Metis. *Caravelle - Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*. n° 3, p. 159-191, 1964.



Essa última fase marca uma elevação do nível de vida da massa. Com o aparelho comercial estando mais desenvolvido e a cidade tendo a força de provocar uma produção alimentícia sustentável e tecnicamente evoluída, os preços tendem a cair. Preços mais baixos, salários mais elevados, mais fácil e mais frequente o abastecimento.

Essa evolução é muito esquemática. As etapas descritas aqui não correspondem perfeitamente à realidade ou aos tipos puros; naturalmente encontramos etapas intermediárias. Não se deve esquecer que cada etapa posterior recebe resíduos mais ou menos significativos da etapa anterior. A cidade não evolui no mesmo ritmo e da mesma forma em todo seu conjunto; ela deve receber constantemente um certo número de imigrantes, cuja incorporação à vida urbana se faz com base em salários muito baixos que, no dia seguinte, colocam em questão uma parte do que foi adquirido da cidade. Esse é o preço a pagar pela sociedade e a economia urbana nos países subdesenvolvidos.